

Por tanto, para Fernando Alegría, su literatura está hecha de tiempo, es su respuesta tentativa a un devenir que en la realidad y en la ficción deja entrever lo apenas entendido («Mientras no comprenda el sentido de ese movimiento de palabras que va y viene por esas novelas, esos poemas, esos monólogos y las horas que nos despiertan o nos angustian en noches de exilio absoluto, seguiré escribiendo. No tengo llave con qué cerrar esas cosas, no sé cómo borrarlas o aquietarlas sino dejándolas estar y moverse, observando cómo entregan sus signos» [p. 62]).

Y en la marea ambigua del tiempo vivido y su escritura posible resulta paradójicamente coherente el hecho de que *Nos reconoce el tiempo y silba su tonada* sea un testimonio que desemboca en lo poético, en el flujo no antitético del llegar/no llegar. Si en los inicios del texto la casa del escritor chileno parece ser una morada permanente por la cual se desplazan transitoriamente las figuras de Julio Cortázar, Juan Rulfo y Gabriela Mistral, en el último capítulo, Alegría recuerda su retorno al espacio lárlico original, a su país desquiciado por la dictadura fascista. En este regreso a un antiguo estar, los sucesos concretos se fusionan con las sensaciones de un habitante que se enfrenta con la desaparición irrevocable de su entorno, con la pérdida de ese espacio hecho de rituales y de gentes que han sido transformados no sólo por el tiempo, sino también por una historia de masacres y autoritarismo. Pero esta situación, lejos de constituir una clausura al ser, deviene en la ficción poética, en imágenes que configuran la metáfora de una esperanza como otra historia posible en la cual «el país está radiante en su poza revuelta, cruzada por un largo arcoiris» (p. 107).

De este modo, *Nos reconoce el tiempo y silba su tonada* significativamente subvierte el código usual de las conversaciones y entrevistas para constituir un válido testimonio de la zona indiferenciada de la experiencia vivida y la escritura. La extraordinaria introducción de Juan Armando Epple, sus acertadas preguntas y comentarios, que motivan el diálogo, y la completísima bibliografía, tanto de las publicaciones del autor como de los textos críticos sobre su obra, complementan, de manera notable, la voz de Fernando Alegría en este libro, que consideramos de suma importancia en las investigaciones futuras sobre la literatura chilena y uno de sus más destacados escritores.

LUCÍA GUERRA CUNNINGHAM

*Univerity of California, Irvine.*

ROBERTO REIS: *A permanência do círculo. Hierarquia no romance brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1987.

De fato (e de direito também), a Literatura Brasileira anda necessitada de uma revisão, de uma grande revisão, para sermos mais específicos, do seu cânone (e não só) e dos principais elementos que o compoem. Neste sentido, o livro do professor Roberto Reis é decisivo e implacável. Por quê? Vejamos, pois.

Em primeiro lugar, não somente executa uma revisão da estrutura canônica da nossa literatura como faz, ao mesmo tempo, uma nova interpretação dos seus elementos. Partindo da literatura romântica (centrada, em José de Alencar, como não poderia deixar de ser) até escritores mais (Aurano Dourado) ou menos (Lúcio Cardoso) moderníssimos, o autor busca conhecê-los, através de uma metáfora que foi buscar a Caio Prado Júnior — a do «círculo» e a da «nebulosa» —, e saber das relações estreitas que vinculam o apertado laço entre sociedade e literatura. Assim, entre o núcleo e a nebulosa há a articulação de espaços nem sempre muito claros

(e outros claros demais, mas, num sentido, tão intensos, que são capazes de ferir a vista quando se os olha) no percurso dessa literatura do assim chamado «Terceiro Mundo».

A seguir, utilizando-se do rastro dessa metáfora para a discussão a respeito das questões do poder, Roberto Reis nos propõe uma nova metodologia interpretativa no sentido de desconstruir todo um edifício (ideológico, está mais do que claro) que foi sendo progressivamente arquitetado de maneira a dar um significado efetivo à Literatura Brasileira. O autor vai desentranhando progressivamente todos os sentidos que se ocultavam por detrás de uma mera classificação temporal (ou por períodos, estilos de época) e nos oferece uma leitura acurada das relações estabelecidas entre a História e a Ficção. Trabalho de fôlego, executado com engenho e arte, pois, via de regra, estes estudos caem num reducionismo vulgar ou numa aplicabilidade casmurra e imediatista da teoria sociológica ou marxista. Este, sem dúvida alguma, não é o caso do livro de Roberto Reis, que trabalha exaustivamente com a questão discursiva a fim de nos fazer compreender o quanto o patriarcalismo e a ordem masculina são importantes para o estabelecimento do cânone, da sua leitura, da sua interpretação, etc. O livro procura decifrar as entrelinhas, no sentido de, através do sintoma, mostrar-nos a face (oculta ou horrível?) da doença.

Continuando o autor nos leva a ver como os conceitos de evolução e progresso (tão bem lembrados no prefácio do professor Silviano Santiago que abre o livro) serão minuciosamente desdobrados a fim de mostrar ao leitor (e/ou estudioso da literatura) os vieses que os compõem. O professor Roberto Reis vai questionando as tópicas de autor, narrador, personagem, colocando-nos frente a frente ao logro da linguagem que, tendenciosa e hierarquizadora sempre, tenta encobrir uma série de contradições que são vistas como não pertinentes (extra-literárias?). Nestes interstícios do espaço criativo. Roberto Reis busca uma interpretação possível (mas não única nem fechada) dos valores que regem a chamada Literatura Brasileira, principalmente as do século XIX (período da formação e da nacionalidade) e XX (época de afirmação e internacionalização). A idéia de uma evolução «possível» se nos apresenta como um ditado do qual se deve sempre desconfiar uma vez que o lugar-comum nunca foi, por excelência, espaço de veracidade ou autenticação/legitimação. Roberto Reis vai paulatinamente desautomatizando esta visão, fazendo com que o seu leitor se dê conta de todos os «leurres» que compõem o seu espaço de trabalho e de reflexão.

Finalmente, o livro nos incentiva a ir mais adiante, buscando outras respostas para o que já é dado como assente, como plenamente definido e codificado. Instigante na sua concepção fundamental; provocador na aplicação dos métodos e promissor na abertura de caminhos, *A permanência do círculo* nos possibilita uma radical guinada na interpretação da Literatura Brasileira. A não perder, sem dúvida alguma, se não queremos deixar o bonde da História passar.

FRANCISCO CAETANO LOPES JUNIOR

*University of Washington, Seattle.*

LUIS HARSS: *Sor Juana's Dream*. New York: Lumen Books, 1986.

El proceso de traducir la obra de Sor Juana Inés de la Cruz ha cobrado un nuevo vigor en los años recientes; Margaret Sayers Peden ha puesto a la disposición de los lectores angloparlantes una antología de versos (*Poems*, Bilingual Press), la